

IX ENCONTRO DA APL

MARCELINO LIPHOLA
Faculdade de Letras U.E.M.
NELIMO

Alguns Aspectos da Fonologia e da Prosódia em Shimakonde.

O presente trabalho busca compreender melhor o funcionamento do tom como um traço prosódico distintivo numa língua particular: Shimakonde (P23). A análise vai cingir-se apenas aos padrões tonais nas formas nominais. Através da apresentação de dados e de análise, o trabalho mostra que o tom pode associar-se:

- a) apenas ao prefixo de classe;
- b) ao radical e respectivo prefixo de classe;
- c) apenas ao radical.

Esta situação faz com que haja a seguinte relação entre o tom e as partes que compõem uma palavra:

a) Pref.- Rad.	b) Pref.- Rad.	c) Pref.- Rad.
A	A	A

O exame mais detalhado sobre a forma de assinalar o tom em Shimakonde mostra que a informação tonal entra de duas formas:

- através de uma regra lexical que vincula o tom a uma unidade portadora desse traço prosódico, e
- através de uma regra geral de atribuição de acento numa posição predizível na estrutura interna da sílaba.

ALGUNS ASPECTOS DA FONOLOGIA E DA PROSÓDIA EM
SHIMAKONDE

R E S U M O

O presente trabalho busca compreender, através de apresentação de dados e de análise, o funcionamento do tom e a maneira de assinalá-lo nas formas nominais de Shimakonde, à luz da teoria da fonologia suprasegmental.

A análise vai cingir-se apenas aos padrões tonais das formas nominais, uma vez que são reconhecidas as diferenças no funcionamento dos traços prosódicos entre

os nomes e as formas verbais. Essas diferenças resultam do facto de existirem estruturas morfológicas diferentes entre as duas categorias e do facto de o tom poder desempenhar, nas formas verbais, funções distintas: função distintiva e função gramatical. O objectivo do estudo é o de dar uma pequena contribuição para tentar compreender o funcionamento do tom que constitui uma característica fundamental

das línguas Bantu. Trata-se de compreender melhor como esse traço prosódico funciona numa língua particular, levantar alguns problemas decorrentes do funcionamento do tom em Shimakonde e propor soluções que possam enriquecer os modelos teóricos subjacentes nessa análise.

A tentativa de compreensão de aspectos fonológicos ser feita sem a existência de estudos descritivos de todos os aspectos linguísticos relevantes tais como a estrutura morfológica das diferentes categorias faz com que sejam questionadas algumas colocações a respeito do funcionamento do tom em Shimakonde. A hipótese básica do trabalho é que nas formas nominais de Shimakonde o tom como um traço prosódico distintivo entra através de uma regra lexical que vincula o tom a qualquer vogal do radical e através de uma regra geral de acento que assinala o tom a uma vogal que ocupa uma posição predizível na estrutura interna da sílaba. Essa regra geral de acento deve captar o alongamento da vogal a nível de superfície, na penúltima sílaba. Esse facto sugere que se examine a relação, por um lado, entre os conceitos de sílaba e mora e, por outro entre o tom e as unidades portadoras desse traço prosódico.

O trabalho conclui que em Shimakonde quando duas moras da penúltima sílaba recebem o mesmo tom, então, este vincula-se directamente a sílaba e não a mora. Esta situação faz com que ao nível de superfície, o alongamento da vogal da penúltima sílaba, embora não sendo contrastivo, constitua uma regra geral de acento relacionado com o arranjo da estrutura interna da sílaba.

Assim, é possível argumentar a favor da existência dos padrões tonais ascendente e descendente contrastivos entre si e contrastivos com o tom de nível. A questão que não fica resolvida nesta análise é de se saber se nos restantes casos onde não ocorre o alongamento vocálico, o tom ficaria associado directamente a mora ou a sílaba ou ainda a ambas as unidades. É esta a pequena contribuição que nos propomos apresentar ao evento, cientes de que a troca de experiência que resultar das possíveis discussões entre especialistas que trabalham nesta área permitirá a melhor compreensão de mais um dos aspectos relevantes de análise fonológica.

PRIMEIRA PARTE

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender, através de apresentação de dados e de análise, o funcionamento do tom e a maneira de assinalá-lo nas formas nominais de Shimakonde, à luz da teoria da fonologia suprasegmental. Com vista a permitir uma melhor compreensão e uma possível discussão com base no que o trabalho se propõe realizar, o mesmo é composto das seguintes partes: uma introdução que faz uma apresentação geral do trabalho; a segunda parte é dedicada às observações gerais relacionadas com a língua e seus falantes. São referidas algumas dificuldades ligadas com os diferentes tipos de nomeações que a língua recebe, facto que é visto como estando na base das discrepâncias quando se fala sobre as formas dialectais de Shimakonde. É definido, ainda, o âmbito do trabalho e indicados os objectivos do mesmo incluindo as hipóteses iniciais. A terceira parte faz referência às generalizações importantes acerca da manifestação superficial da prosódia em Shimakonde. Esta parte discute sobre os padrões tonais e apresenta dados para cada padrão tonal. É examinada a relação entre o tom e as unidades portadoras desse traço prosódico com enfoque dado para os conceitos de sílaba e mora. A quarta e última parte do trabalho tira conclusões preliminares decorrentes da análise dos dados disponíveis e a partir de intuições que se tem da língua.

SEGUNDA PARTE

2. OBSERVAÇÕES GERAIS E AMBITO DO TRABALHO

Shimakonde pertence ao grupo de línguas da família Rantu e recebe o código P23, segundo a classificação de Guthrie (1967/1970). Em Moçambique, a língua é falada por cerca de 300.000 indivíduos, de acordo com o recenseamento geral da população (1980), cobrindo sete dos treze Distritos da Província de Cabo Delgado. Não apresentando formas dialectais importantes a assinalar, a língua recebe, entre os seus falantes, diferentes nomeações tais como Shimwaalu, Shimyuula, Shiyaanga, Shindoonde, etc, que correspondem às designações dadas às regiões em que vivem os falantes de Shimakonde. Em Tanzania, Shimakonde é falada por cerca de 400.000 pessoas, segundo Yukawa (1989). Estudos recentes realizados neste país indicam que existem pelo menos cinco variantes de Shimakonde que incluem Chimahuta, Chimaraba, Chinnima, Chimaviha e Chimatambwe (Cf. Odden, 1990).

Chama-se a atenção para o facto de, por um lado, os dialectos conhecidos por Chimahuta, Chimaraba e Chimatambwe serem falados exclusivamente em Tanzania e apresentarem diferenças significativas no nível segmental, morfológico e lexical em relação à variante falada em Moçambique. Por outro lado, os dialectos designados de Chinnima e Chimaviha podem referir a mesma realidade: a variante falada em Moçambique, mas sob diferentes ângulos de observação. Com efeito, a

expressão " Nnima " significa "interland" ou simplesmente "margem oposta". Enquanto isso, o termo " M a v i h a " designa, de forma pejorativa, os falantes de Shimakonde radicados em Moçambique, donde o termo "Chimaviha" significar a fala atribuída a esses falantes. A expressão é derivada do verbo -viha que em Chimaraba significa "ser cruel", característica atribuída ao grupo makonde localizado na margem direita do Rovuma.

O presente estudo pretende apresentar dados e análise sobre o funcionamento do tom na língua Makonde falada em Moçambique. A análise vai cingir-se apenas aos padrões tonais das formas nominais, uma vez que são reconhecidas as diferenças de funcionamento dos traços prosódicos entre essas formas e as verbais. Essas diferenças resultam do facto de existirem estruturas morfológicas diferentes entre as duas categorias e pelo facto de nas formas verbais, o tom poder desempenhar funções distintas: função distintiva e função gramatical.

O objectivo do estudo é o de dar uma pequena contribuição para compreender o funcionamento do tom que constitui uma característica importante das línguas Bantu. Trata-se de: a) compreender melhor o funcionamento do tom como um traço prosódico distintivo numa língua particular; b) analisar alguns problemas colocados pela actuação desse traço prosódico e c) propor soluções que possam enriquecer os modelos teóricos subjacentes nessa análise.

A maioria das línguas Bantu de Moçambique apresenta, nas formas nominais, um tom lexical. A distinção de significação das palavras só é possível se atribuída a proeminência em posição correcta numa unidade portadora do traço prosódico: o tom. Os exemplos que se seguem, mostram esse facto.

GITONGA (S62)

01. gáya	" em casa "
02. gàya	" cortar cabelos "
03. gu-divála	" esquecer "
04. gu-divála	" ser tolo "

XIRONGA (S50)

05. va-ni-tsimbìle	" proibiram-me "
06. va-ni-tsimbìle	" amarraram-me "

CICOPI (S61)

07. ku-khála	" queixar "
08. ku-khála	" sentar "
09. n -gáala	" faca "
10. n -gàala	" leão "

CINYANJA (N31)

11. n-téngo	" árvore "
12. n-tengo	" preço "

SHIMAKONDE (P23) ..

13. ly-aátu	" orelha"
14. ma-aátu	" orelhas"
15. li-itú	" esp. fruto"
16. ma-atú	" esp. frutos"
17. mnaátu	" onomat. correr"
18. ly-aámba	" folha "
19. ly-ámba	" manhã "

Informações detalhadas sobre a forma de assinalar o tom sobretudo nas formas verbais de Shimakonde podem ser encontradas na análise de Odden, D. (1990). Dessa análise há, contudo, aspectos importantes que sugerem a existência de diferenças na forma de assinalar o tom nas variantes desta língua. Tais diferenças resultam do facto de:

1. os dialectos de Shimakonde mais estudados em Tanzania apresentarem diferenças no nível segmental, morfológico e lexical comparativamente à variante falada em Moçambique;
2. o estudo das línguas Bantu na zona P revelar-se, em geral, pouco desenvolvido e, conseqüentemente, as soluções decorrentes da análise de uma língua particular apresentarem problemas ao nível de generalização;
3. a análise de aspectos fonológicos ser feita, com não existência, ainda, de estudos descritivos sobre os aspectos linguísticos relevantes da estrutura morfológica das diferentes categorias.

Sem pretender responder a uma questão teórica específica, o presente trabalho descreve os principais padrões tonais e seu funcionamento no nome. A análise, feita em seguida, examina a relação entre o tipo de padrão tonal e a posição que este ocupa na estrutura da sílaba. A hipótese básica do trabalho é que, em Shimakonde, a informação tonal entra, nas formas nominais, vinculada directamente ou à sílaba ou à mora. Esse facto vai fazer com que, por um lado, quando o tom alto se associa à sílaba, duas moras recebam igual proeminência que, ao nível de superfície, se reflecte na redução do alongamento vocálico não distintivo na língua. Este caso em que o tom entra na estrutura da língua vinculado directamente à sílaba capta a regra lexical do tom que dá conta da informação morfotonológica da palavra. Por outro lado, quando o tom vincula-se directamente à mora, o alongamento vocálico (não distintivo) é linguisticamente significativo, uma vez que o padrão tonal resultante deve captar a regra regular de atribuição de acento com função distintiva.

A conclusão preliminar que se tira é que no nome o tom é assinalado, em Shimakonde, de duas maneiras diferentes: a) através da informação lexical que vincula o tom de nível a qualquer vogal do radical ou b) através de uma regra geral de atribuição de acento que assinala o tom a uma vogal que ocupa uma posição predizível na estrutura da sílaba (penúltima

posição). Essa regra geral de atribuição de acento deve dar conta do alongamento da vogal da penúltima sílaba que associa o tom de nível ou a mora mais à esquerda ou mais à direita.

TERCEIRA PARTE

3. GENERALIZAÇÕES

A variante de Shimakonde falada em Cabo Delgado apresenta importantes generalizações sobre a manifestação superficial da prosódia:

1. o alongamento vocálico não é contrastivo, mas devido à regra regular de atribuição de acento, a penúltima sílaba de qualquer palavra é sempre alongada, sendo este fenômeno linguisticamente significativo;
2. a última sílaba, em geral, extraprosódica, a menos que o tom seja marcado no léxico;
3. os nomes têm o tom lexical contrastivo, contrariamente ao que sucede nas formas verbais onde a nível de superfície qualquer tom é assinalado através de uma regra;
4. existem prefixos que entram com a informação tonal;
5. os nomes podem ocorrer sem qualquer informação tonal;
6. existe um tom alto básico cuja ocorrência em uma posição de sílaba é determinada pela informação lexical, morfológica e o arranjo da estrutura interna da sílaba.

É sobre este último caso que parece relevante analisar com profundidade a relação que possa existir entre o padrão tonal e sua ocorrência numa posição determinada dentro da estrutura fonológica.

3.1. PADRÕES TONAIS NAS FORMAS NOMINAIS EM SHIMAKONDE

Foi referido anteriormente que Shimakonde tem um tom alto básico. Contudo, a sua ocorrência em uma posição determinada e dependendo do tipo da unidade a qual se encontra associado, existem quatro padrões tonais distintivos nas formas nominais em Shimakonde. Assim, o tom alto pode ocorrer:

a) em apenas alguns prefixos de classes nominais como indicado abaixo:

- | | |
|----------------|-------------------|
| 20. lí-ngoongo | " cercado " |
| 21. má-ngoongo | " cercados " |
| 22. lí-ngaawu | " rede de caça " |
| 23. dí-ngaawu | " redes de caça " |
| 24. ú-gweeka | " solidão " |
| 25. lí-maanga | " esp. abóbora " |
| 26. má-maanga | " esp. abóboras " |

- | | |
|-----------------|--------------------------|
| 27. vá-maanga | " gente da praia " |
| 28. ú-shaagwa | " estado de escravidão " |
| 29. shí-ng'oovi | " caldo de feijão " |

Destes exemplos, depreende-se que certos prefixos de classe, nomeadamente as classes 5(li)/6(ma), 7(shi)/8(vi), 9((i)N)/10(di) e 2(va) entram com a informação tonal.

b) na penúltima sílaba do radical, propagando-se até ao respectivo prefixo. Este padrão tonal vincula o tom de nível às duas moras da penúltima sílaba, como indicam os exemplos que se seguem.

- | | |
|-----------------|--------------|
| 30. m' -píini | " cabo " |
| 31. mí-píini | " cabos " |
| 32. n' -tíima | " coração " |
| 33. mí-tíima | " corações " |
| 34. shí-lóólo | " espelho " |
| 35. ví-lóólo | " espelhos " |
| 36. lú-líimi | " língua " |
| 37. dí-ndíimi | " línguas " |
| 38. í-ng'óópe | " face " |
| 39. dí-ng'óópe | " faces " |
| 40. lí-gwáángwa | " osso " |
| 41. má-gwáángwa | " ossos " |

Os exemplos 30-41 sugerem que o facto de o tom de nível vincular-se às duas moras da penúltima sílaba seja analisado como o resultado de propagação do tom ligado ao prefixo. Contudo, tal análise não só anularia o contraste entre o padrão tonal em 20-29 e 30-41, como não conseguiria explicar por que no primeiro caso o tom não se propaga do prefixo à penúltima sílaba.

Constata-se, a partir dos dados que em seguida se apresentam, que no caso em que o tom alto se associa a mora mais à esquerda, o prefixo de classe recebe, também, o tom alto, enquanto no caso em que o tom alto vincula-se a mora mais à direita, o prefixo não recebe o tom. Há similaridade, portanto, entre os padrões tonais b) e c) quanto ao facto de o tom de nível ser mapeado ligando-se ao prefixo de classe e ao respectivo radical. A principal diferença entre esses dois padrões tonais é que enquanto nos exemplos 30-41 o tom é vinculado à sílaba, fazendo com que ambas as moras da penúltima sílaba recebam o tom de nível, em c) , como será visto em seguida, o tom de nível liga-se apenas a uma das moras da penúltima sílaba. Por essa razão, é de admitir a existência de um outro padrão tonal em que o tom de nível associa-se a mora mais à esquerda. É neste caso, indicado na alínea seguinte, em que o tom alto ocorre:

c) na penúltima sílaba do radical, propagando-se até ao respectivo prefixo, mas o tom alto vincula-se apenas a mora mais à esquerda.

- | | |
|---------------|-------------|
| 42. í -núungu | " umbigo " |
| 43. dí-núungu | " umbigos " |

44. n - céemba	" caldo "
45. mí-shéemba	" caldos "
46. n - júungu	" homem branco "
47. vá-júungu	" homens brancos "
48. lí-gwéelu	" machamba "
49. má-gwéelu	" machambas "
50. lí-páanga	" dente molar "
51. má-páanga	" dentes molares "
52. shí-shúulu	" meda "
53. ví-shúulu	" medas "

O padrão tonal indicado nos exemplos 42-53 opõe-se àquele em que embora o tom alto ocorra na penúltima sílaba, este é associado apenas a uma mora mais à direita. Assim, reconhecer-se-á na língua um tipo de padrão tonal contrastivo exemplificado em seguida, onde o tom de nível ocorre:

d) na penúltima sílaba, sem se propagar até ao prefixo de classe e vinculado apenas a mora mais à direita.

54. u -paánga	" catana "
55. ma-paánga	" catanas "
56. lí-ngoóngo	" monte de cabelo trançado "
57. ma-ngoóngo	" montes de cabelo trançado "
58. shi-tuúmbó	" barriga "
59. vi-tuúmbó	" barrigas "
60. shi-boóko	" hipopótamo "
61. vi-boóko	" hipopótamos "
62. lí-jeémbe	" enxada "
63. ma-jeémbe	" enxadas "
64. lu-taáno	" lenda "
65. di-naáno	" lendas "
66. i -ng'aáno	" juzo "
67. di-ng'aáno	" juizos "

Chama-se atenção, por um lado, para o facto de existirem na língua pares tonais distintivos entre os padrões referidos em a) e d) como se ilustra com os exemplos abaixo.

68. lí-ngoongo (Cf. a.20)
69. lí-ngoóngo (Cf. d.56).

Por outro lado, constata-se que existe, igualmente, um contraste entre os tons ascendente e descendente indicados nas alíneas c) e d) que formam pares tonais distintivos.

70. lí-kóoti	" casaco "
71. má-kóoti	" casacos "
72. u- kóoti	" pescoço "
73. ma-kóoti	" pescoços "
74. i -núungu	" umbigo "
75. dí-núungu	← " umbigos "
76. i -nuúngu	" porco-espinho "
77. di-nuúngu	" porcos-espinho "

3.1. ANÁLISE

Os exemplos 42-53 e 54-67 levantam uma questão interessante na análise dos dados de Shimakonde relacionada com a vinculação do tom a uma unidade portadora desse traço prosódico. Os dados atestam que o carácter contrastivo dos tons ascendente e descendente reside no facto de o tom de nível ser vinculado não à sílaba, mas a moras diferentes (ou mais à direita ou mais à esquerda). A possibilidade de o tom de nível poder ser propagado ou não até ao prefixo de classe tem a ver com a informação lexical na vinculação

do tom a uma unidade portadora desse traço prosódico.

Desse facto decorrem algumas questões fundamentais relacionadas com a compreensão dos mecanismos de funcionamento do tom e a forma de assinalá-lo em Shimakonde:

1. quais são as unidades portadoras do tom nesta língua e qual é a relevância de cada uma das unidades.

2. qual é a explicação que dê conta da propagação do tom de uma vogal do radical para o prefixo de classe e para todas as moras na penúltima sílaba, captando, por um lado, o conceito de sílaba e, por outro lado, da ocorrência do tom de nível em apenas uma mora que ocupa a mesma posição dentro da sílaba.

Argumentar-se-á que o facto de a penúltima vogal ocorrer sempre longa e o facto de a vinculação do tom de nível ser feita ou em ambas as moras ou em apenas uma mora da penúltima sílaba resulta de aplicação de duas regras na forma de assinalar o tom: a regra geral de atribuição de acento e a regra lexical que associam o tom ou à sílaba ou à mora. Esta análise sugere que na categoria nominal em Shimakonde a informação tonal pode vir vinculada ao nível de uma unidade segmental e também vir associada a unidades suprasegmentais. Mas se esta análise pode ser considerada de correcta e corroborada pelos dados disponíveis, parece igualmente pertinente questionar se o conceito de mora associa-se ao segmento ou ao suprasegmento. Este questionamento é relevante, uma vez que em Shimakonde o tom de nível ocorre também na antepenúltima sílaba, propagando-se, por um lado, até ao prefixo de classe e, por outro, da antepenúltima sílaba às duas moras da penúltima sílaba.

78. lí-tátééle	" pepino "
79. má-tátééle	" pepinos "
80. lí-shináámu	" boneco "
81. má-shináámu	" bonecos "
82. í -kúpúúli	" cadeado "
83. dí-kúpúúli	" cadeados "
84. ú -tútúúli	" cérebro "
85. mí-tútúúli	" cérebros "
86. í -njúgwííli	" sineta "
87. dí-njúgwííli	" sinetas "

Uma explicação possível para dar conta da propagação do tom até a penúltima sílaba nos exemplos 78-87 seria assumir que quando o tom de nível é associado a antepenúltima sílaba, este

propaga-se até a penúltima sílaba. Contudo, Shimakonde apresenta outros dados em que o tom de nível vincula-se à antepenúltima sílaba, propagando-se até ao prefixo de classe incluindo a sílaba intermediária, mas sem estar associado às duas moras da penúltima sílaba, como se mostra nos exemplos seguintes.

88. shí-kádákoodo	" esp.fechadura "
89. ví -kádákoodo	" esp.fechaduras "
90. lí -kádámbala	" cabaça partida "
91. má -kádámbala	" cabaças partidas "
92. shí-ngúlúguuma	" redondo "
93. ví -ngúlúguuma	" redondos "

Além disso, Shimakonde apresenta nomes com o tom de nível na antepenúltima sílaba sem nenhuma propagação.

94. shi-tukútuuku	" brinquedo "
95. vi -tukútuuku	" brinquedos "
96. i -bashíkeeli	" bicicleta "
97. di -bashíkeeli	" bicicletas "
98. li -kalákoolo	" catarro "
99. ma -kalákoolo	" catarros "

Os dois exemplos seguintes mostram claramente como a informação tonal em Shimakonde é inserida por uma regra lexical que vincula o tom a uma única sílaba anteposta a antepenúltima.

100. lí -tumbútumbuulu	" esp. fruto "
101. ma -tumbútumbuulu	" esp. frutos "

A limitação de tempo e espaço não permite que mais exemplos possam ser fornecidos para melhor análise e compreensão dos mecanismos de funcionamento do tom nas formas nominais de Shimakonde.

Todavia, é importante referir que a língua possui nomes que não se servem de qualquer padrão tonal, facto que põe em evidência

o ponto de vista que tem sido defendido neste trabalho.	
102. n -nakatataambwe	" aranha "
103. vá-nakatataambwe	" aranhas "
104. n -tootwe	" esp. animal "
105. mi-tootwe	" esp. animais "
106. vá-ntootwe	" esp. animais "
107. shi-mboombo	" esp. tambor "
108. vi -mboombo	" esp. tambores "
109. shi-ndoolo	" esp. feijão "
110. vi -ndoolo	" esp. feijões "
111. li -kaloogwe	" pèle "
112. ma -kaloogwe	" pêles "
113. shi-tutuutu	" motocicleta "
114. vi -tutuutu	" motocicletas "
115. lí -kanganyaanga	" esp. lagarto "
116. ma -kanganyaanga	" esp. lagartos "

QUARTA PARTE

5. CONCLUSÕES

Já foi referido ao longo do trabalho que o conjunto dos padrões tonais em Shimakonde levanta alguns problemas ligados com a compreensão sobre o funcionamento do tom nas formas nominais e a maneira de assinalá-lo na estrutura da língua. Por um lado, nota-se que a noção de mora parece sugerir a separação entre os níveis segmental e suprasegmental. Por outro lado, verifica-se que a análise dos padrões tonais na língua Shimakonde deve atender ao facto de o tom de nível estar associado ou à mora ou à sílaba. Para dar conta deste facto é assumido que, em Shimakonde, quando duas moras da penúltima sílaba recebem o mesmo tom, então, este vincula-se directamente à sílaba e não à mora. Esta situação faz com que ao nível de superfície o alongamento vocálico da penúltima sílaba constitua uma regra geral de proeminência, embora não distintivo, mas que tem a ver com o arranjo da estrutura interna da sílaba. A questão que não fica, contudo, resolvida é de se saber se nos restantes casos em que não ocorre o alongamento vocálico o tom ficaria associado à mora ou à sílaba. Esta questão é deixada em aberto no presente trabalho, sugerindo mais estudos a este respeito. A segunda conclusão que decorre da primeira é que em Shimakonde o tom pode associar-se a ambas as moras da penúltima sílaba ou a apenas uma das duas moras da penúltima sílaba resultando em dois padrões tonais distintivos (ascendente e descendente) opostos ao tom de nível. O facto de em alguns casos a informação tonal vir associada com a informação lexicacal e, em outros casos o tom estar vinculado a uma posição fixa ligada à regra geral de acento e o facto de a língua possuir nomes que entram na estrutura de base sem a informação tonal fazem com que uma conclusão básica seja tirada. Essa conclusão básica consiste em assumir que na categoria nominal de Shimakonde o tom é assinalado através de uma regra geral de acento e também ocorre uma regra que lexicaliza a informação tonal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Guthrie, M. (1970). *Comparative Bantu*. Gregg International.
2. Yukawa, Y. (1989). *The Tone in Maakonde Verbs*. In: *Studies in Tanzanian Languages. Bantu Linguistics (ILCAA)*. Vol. 2.
3. Odden, D. (1990). *Tone in the Makonde Dialects: Chimaraba*. In: *Studies in African Linguistics*. Vol. 21. p. 62-105.
4. _____ (1989). *Tone in the Makonde Dialects: Chimahuta*. In: *Studies in African Linguistics*.
5. _____ (1990). *C-command or edges in Makonde*. In: *Phonology* 7:163-169.
6. Liphola, M. M. (1991). *Tom, Entoação e Acento de Intensidade na Língua Shi-Makonde: Uma base para análise morfotonológica*. Tese de Mestrado. IEL/UNICAMP, Campinas, São Paulo.